

# A HERMENÊUTICA ESCATOLÓGICA DE PAULO: 1 TESSALONICENSES 4.13-5.11

C. Timóteo Carriker\*

O evangelho de Paulo sempre levava em conta as situações pastorais que o apóstolo estava tratando. A teologia “pura” ou sistemática só apareceria nos próximos séculos, proveniente do esforço da igreja de dialogar com o pensamento mais influente do mundo romano, e com a filosofia e a cosmovisão gregas. Até lá no Novo Testamento, especialmente nas cartas de Paulo, encontra-se uma teologia mais “prática.” É um discurso a respeito das coisas de Deus (teologia) a partir dos desafios e problemas da vida diária e situações reais (um estilo de pensamento judeu que depois se exemplificaria nos escritos rabínicos do Talmude) e não a partir de enigmas cosmológicas (um estilo de pensamento grego exemplificado nos escritos dos grandes filósofos gregos e geralmente descrito como abstrato).

Entretanto, o cuidado pastoral e a teologia “prática” de Paulo nunca se apresentam como arbitrários ou sem fundamentos fixos. Nas palavras de J. Christiaan BEKER, a “contingência” da sua mensagem possui um norte “coerente”.<sup>1</sup> Minha tese é que o norte coerente do evangelho de Paulo tomava forma dentro do mundo de idéias e símbolos apocalípticos. A exposição de Paulo em 1 Tessalonicenses 4.13-5.11 ilustra como a simbologia e as idéias apocalípticas<sup>2</sup> ajudam a definir os contornos do evangelho de

---

\* O autor é missionário da Presbyterian Church (U.S.A.). Sua formação se deu nos E.U.A, tendo Bacharel em Ciências da Religião da Universidade de Carolina do Norte em Charlotte, Mestrado em Teologia do Seminário Teológico Gordon-Conwell, Mestrado em Missiologia e Ph.D. em Estudos Interculturais do Seminário Teológico Fuller. É missiólogo trabalhando com a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e professor em diversas instituições teológicas no Brasil.

<sup>1</sup> BEKER, J. Christiaan. Recasting Pauline Theology: The Coherence-Contingency Scheme as Interpretive Model. In: *Pauline Theology, Volume 1: Thessalonians, Philippians, Galatians, Philemon*, (ed.) Jouette M. Bassler. Minneapolis: Fortress, 1991. 15-24.

<sup>2</sup> No artigo, “A apocalíptica judaica e o evangelho de Paulo,” em *Vox Scripturae. Revista Teológica Brasileira* 6, no. 2 (1996) pp. 175-204, argumento que o pensamento apocalíptico se caracteriza pelas quatro idéias seguintes:

- **a iminência:** uma noção mais qualitativa e espacial que quantitativa e temporal (tanto as tradições proféticas quanto as apocalípticas entendem a escatologia não tanto em termos do fim do *tempo*, mas em termos do fim do *mal*). A simples *confiança* e a absoluta *segurança* na conquista divina do mal se torna a devida herança dos retos. Entretanto, tal segurança urgente freqüentemente se expressava por categorias temporais a fim de intensificar a certeza de que Deus vindicaria suas promessas para os retos. A linguagem do fim, em última análise, é a linguagem de finalidade. O que está em jogo não é o fim próximo da história ou da criação, mas a resolução, que está para sair, da crise histórica. Tal perspectiva é pessimista somente em relação à ordem atual dominante e má. Em relação à esperança na resolução divina pendente, ela é resolutamente otimista e confiante.

Paulo. Antes de examinar a passagem em si, é necessário estabelecer o seu contexto histórico.

## 1 O CONTEXTO HISTÓRICO

Uma análise literária destas passagens fornece as primeiras pistas para a reconstrução do contexto histórico. Esta análise inclui observações gramaticais, retóricas (argumentativas), de forma e de linguagem.

### 1.1 A PRIORIDADE DA SEGUNDA CARTA

As duas cartas que Paulo escreveu aos tessalonicenses<sup>3</sup> relatam a perseguição que a igreja estava sofrendo, como indica o tempo presente dos verbos em 2 Tessalonicenses 1.4-6 quando a carta foi escrita. Em contraste, o tempo aoristo dos verbos em 1 Tessalonicenses 2.14 indica que a perseguição era algo do passado (imediato). Isto é um indício que a “segunda” carta foi escrita antes da “primeira”.<sup>4</sup> Portanto, a passagem em 1

- **o dualismo cósmico:** Embora os contrastes dualistas sejam certamente comuns à literatura apocalíptica—entre Deus e o ser humano; entre a história e a meta-história; entre “este século” e “o século vindouro”; entre a retidão e a maldade; entre a escuridão e a luz; entre os anjos e os demônios, e entre Deus e Satanás—a característica predominante do gênero é essencialmente monística. Deus é Criador *sobre* tudo que criou e Senhor da história *sobre* tudo. Nunca na literatura apocalíptica judaica a soberania de Deus é diminuída.
- **o desvelamento:** o seu meio de revelação, que tem a função de legitimar o conteúdo interpretativo da revelação. Apenas a revelação divina—em contraposição às técnicas “naturais” e convencionais—possui capacidade hermenêutica suficiente para efetivamente assegurar autoridade e, conseqüentemente, legitimação em contraposição à tradição religiosa majoritária.
- **a transcendência:** Nos apocalipses, conceitos essenciais, como o poder e a própria realidade são redefinidos através da metáfora da reversão. Os primeiros serão os últimos (2 Baruque 51.13; Marcos 10.31), os pobres serão vindicados em contraposição aos ricos (Marcos 10.21), e os retos receberão o seu justo galardão contra o lucro terreno dos injustos (1 Enoque 42; 52; 104.6; Mateus 5; 2 Enoque 45; 61; Marcos 7.14-23). Mas a maior reversão de todas é a própria morte. E a dívida do Novo Testamento para com a literatura apocalíptica se evidencia mais penetrantemente nesta reversão. Transcende-se a própria morte física, não apenas a da comunidade no sentido metafórico ou até mesmo histórico, mas a morte pessoal do indivíduo. Nisso está a marca que distingue definitivamente a escatologia apocalíptica da escatologia profética. Pois além da libertação comunitária evidente na tradição profética, a apocalíptica desenvolve um elemento genuinamente novo, o julgamento final do indivíduo.

<sup>3</sup> Praticamente ninguém contesta que Paulo escreveu 1 Tessalonicenses, provavelmente não depois de 51 d.C. e de Corinto. Mas é comum duvidar da autoria paulina de 2 Tessalonicenses, principalmente por entender que o seu enfoque escatológico difere do de 1 Tessalonicenses. Para uma defesa da autoria paulina de 2 Tessalonicenses que cogita a questão escatológica, ver o meu artigo: Aquele que o detêm: Uma interpretação de 2 Tessalonicenses 2.6-7. In *Fides Reformata* 6, no. 1 (2001).

<sup>4</sup> Além desta observação do tempo dos verbos, T. W. MANSON (St. Paul in Greece: The Letters to the Thessalonians. In *Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester* 35 [1952-53]. p. 428-447) menciona mais quatro indícios da prioridade de 2 Tessalonicenses:

- a desordem na igreja é emergente em 2 Tessalonicenses 1.4-7 enquanto em 1 Tessalonicenses já está sendo tratada;

Tessalonicenses sob investigação, faz parte duma correspondência que Paulo já havia iniciado em 2 Tessalonicenses e os recipientes das cartas haviam passado recentemente por um período de perseguição.

## 1.2 ANÁLISE DA FORMA LITERÁRIA

Recentemente Abraham MALHERBE afirmou que 1 Tessalonicenses é uma carta íntima e exortativa na sua intenção<sup>5</sup> e na sua composição segue de perto o padrão da auto-defesa dos filósofos cínicos. Embora Helmut KOESTER ache tal identificação com a técnica cínica de escrever exagerada, ele se refere à carta como uma “carta particular” cujo gênero era um “experimento em redação cristã” que inclui, entre outros padrões, a técnica de redação parenética (exortativa) dos filósofos.<sup>6</sup>

Mais especificamente, Robert JEWETT identifica o gênero da carta como demonstrativo ou epidíctico, porque ela “se concentra no elogio e na culpa tendo como um assunto proeminente e tradicional a gratidão aos deuses”.<sup>7</sup> Este gênero de retórica visa persuadir alguém a afirmar ou reafirmar alguma perspectiva atual do escritor, como por exemplo, quando o escritor está elogiando ou criticando alguma pessoa ou algum ato. A classificação demonstrativa de 1 Tessalonicenses se encaixa bem com a perspectiva amplamente reconhecida do propósito pastoral da carta, de encorajar. JEWETT oferece um esboço extensivo da carta para explicitar a natureza epidíctica do argumento de Paulo por toda a carta e classifica as duas passagens de 1 Tessalonicenses 4.13-18 e 5.1-11 como respectivamente o terceiro e quarto tópico exortativo entre os cinco tópicos em 4.1-5.22 (que JEWETT intitula *probatio*) e por isso se encontram integralmente ligados ao desenvolvimento da exortação de Paulo.

- 
- a instrução que Paulo dá em 1 Tessalonicenses 5.1 sobre o fim dos tempos se refere à instrução encontrada em 2 Tessalonicenses 2.1-12;
  - as frases, “acerca de...” (περὶ ὧν...), em 1 Tessalonicenses 4.9, 13 e 5.1 introduzem respostas para perguntas levantadas provavelmente pelos recipientes de 2 Tessalonicenses; e
  - a assinatura de Paulo como marca de autenticidade não tem sentido se 2 Tessalonicenses não é a primeira carta.

F. F. BRUCE (*1 and 2 Thessalonians*. Waco: Word, 1982. p. xli), observa que a seqüência canônica de cartas freqüentemente depende do seu comprimento ao invés da sua ordem cronológica.

<sup>5</sup> Tecnicamente composta de filofronese (1.2-3.13) e parênese (3.14-5.22). A filofronese estabelece o contexto íntimo de amizade entre o remetente e os recipientes. A parênese é um “tipo de exortação que procura influenciar o conduto de alguém ao invés de ensinar algo novo.” Ver Abraham J. MALHERBE, *Paul and the Thessalonians*. Filadélfia: Fortress, 1987. p. 70.

<sup>6</sup> KOESTER, Helmut. I Thessalonians--Experiment in Christian Writing. In *Continuity and Discontinuity: Essays Presented to George H. Williams*, ed. F. Forrester CHURCH e Timothy GEORGE. Leiden: Brill, 1979. p. 33-44.

<sup>7</sup> Tradução minha de JEWETT, Robert. *The Thessalonian Correspondence. Pauline Rhetoric and Millenarian Piety* Foundations and Facets, ed. Robert W. FUNK. Filadélfia: Fortress, 1986. p. 71ss. Também a carta pode ser considerada um *consolatio* e portanto, “paraclética”, porque através da carta toda Paulo demonstra preocupação pastoral e apela para imitação. Ver, por exemplo, DONFRIED, Karl P. The Theology of 1 Thessalonians as a Reflection of Its Purpose. In *To Touch the Text. Biblical and Related Studies in Honor of Joseph A. Fitzmyer, S.J.*. Ed. Maurya P. HORGAN e Paul J. KOBELSKI. New York: Crossroad, 1989. p. 243-60.

Tudo isso aponta para a preocupação pelo cuidado pastoral que aparece no decorrer de toda esta carta. Interessante que esta preocupação é comunicada com uma linguagem apocalíptica, como elaboramos a seguir.<sup>8</sup>

### 1.3 LINGUAGEM APOCALÍPTICA

Há amplo consenso de que os discursos de 1 Tessalonicenses 4.13-18 e 5.1-11 ilustram o pano de fundo apocalíptico desta carta (e também de 2 Tessalonicenses). Seus temas apocalípticos incluem: nos capítulos 1 e 2, “a ira de Deus”; e nos capítulos 4 e 5, “o Dia do Senhor” e “a parousia”, “o destino dos mortos” e “a ressurreição”, “o triunfo futuro de Deus” e “a presença futura de Cristo para sempre”, “o chamado do arcanjo”, “o toque da trombeta”, “o arrebatamento”, “as nuvens”, “a teofania” e “o ladrão da noite”. São abundantes os paralelos no Antigo Testamento, nos Rolos do Mar Morto, no Livro de Apocalipse, e na literatura apócrifa e pseudepígrafa.<sup>9</sup> Estes capítulos evidenciam a simbologia apocalíptica da mesma forma que a linguagem e o tom apocalípticos estabelecem o clima através da carta toda.

Como já mencionado, a linguagem apocalíptica empregada através da carta serve um propósito parenético, isto é, uma preocupação pelo cuidado pastoral diante de aflição, e encorajamento em relação ao comportamento cristão. Essencialmente temas judeus e cristãos são comunicados através duma forma bastante específica da técnica helenística de redação de cartas.

Enfim, sugiro que entendamos o *formato literário* da carta como filofronética e parenética, seguindo a técnica helenística de redação, e a *cosmovisão* das idéias expostas como apocalípticas, dentro do pano de fundo judaico cristão. O formato parenético e filofronético dá expressão e forma literária ao propósito pastoral e apologético, enquanto a cosmovisão apocalíptica dá forma conceitual à base cristológica da carta (mesmo que a cristologia modifique muito do sentido e um pouco da forma da cosmovisão apocalíptica de Paulo).

### 1.4. CONTEXTO LITERÁRIO IMEDIATO

As duas perícopes que compõem o discurso apocalíptico de 1 Tessalonicenses 4.13-5.11 são semelhantes na sua forma e na sua lógica. A introdução de ambas, mesmo em ordem invertida, inclui o anúncio de novo ensinamento, a palavra vocativa “irmãos e irmãs” (ἀδελφοί), e uma afirmação do assunto a ser tratado, introduzida pela cláusula “com respeito a” (περί). Depois da introdução, ambas as perícopes abrem a apresentação do ensinamento com um “pois” ou “de fato” (γάρ) enfático. Ambas empregam uma fórmula de credo. Ambas usam uma abundância de temas apocalípticos. Ambas

---

<sup>8</sup> Wayne MEEKS observa que a parênese é intimamente ligada e proeminente na literatura apocalíptica. Ver o seu estudo: *Social Functions of Apocalyptic Language in Pauline Christianity. In Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East: Proceedings of the International Colloquium on Apocalypticism, Upsala, 1979.* Tübingen: Mohr (Siebeck). 1982. p. 694.

<sup>9</sup> COLLINS, Raymond F. ed. *Studies on the First Letter to the Thessalonians.* Leuven-Louvain: Leuven University, 1984. p. 27ss, 74s, 154ss.

concluem com uma exortação semelhante. E ambas apresentam o mesmo propósito pela cláusula “para que” (ὥστε em 4.13 e 5.10).

## 1.5 OCASIÃO

O ponto de partida importante para a interpretação das cartas aos Tessalonicenses continua sendo a reconstrução da história religiosa e política da época da redação. Assim conseguimos entender as possíveis ocasiões desta correspondência. Procedemos com cautela, dentro do conhecimento e consenso geral.

### 1.5.1 O Contexto Religioso-Político

Alguns dos cultos de mistério, especialmente os cultos de Serapis e Dionísio, eram populares e bem integrados ao culto cívico de Tessalônica. Esta mistura provocava uma onda de excitação escatológica. Outros cultos presentes na cidade incluem o culto de Isis e o culto de Cabiro.<sup>10</sup>

Quanto à teologia política macedônica, o culto imperial com o seu grande templo e especialmente seu culto de Roma entusiástico e honorífico era bem divulgado, porém controlado por uma pequena elite. De acordo como este culto, esperava-se o alvorecer duma nova era junto com o seu governador/deus (inclusive Júlio César e os seus sucessores) honrados provavelmente como “salvador”, “senhor”, “filho de Deus”, “benfeitor”, e “deus manifesto”. Diante deste contexto, não é nada surpreendente que muitos entendessem que os cristãos estavam desafiando os “decretos de César” (Atos 17.7).

A admoestação de Paulo em 1 Tessalonicenses 5.3 de que a destruição apocalíptica cairia sobre aqueles que proclamam “paz e segurança” (εἰρήνη καὶ

---

<sup>10</sup> De acordo com JEWETT, op. cit., a figura de Cabiro cultuado em Tessalônica se assemelhava estruturalmente à figura do Cristo apocalíptico proclamado por Paulo. Ele era um “herói martirizado,” “assassinado pelos seus irmãos,” “enterrado com símbolos de poder real.” Seus seguidores esperavam que ele voltasse para “ajudar os humildes,” e “fornecer proteção da opressão militar.” Seu culto era igualitário, sendo freqüentado por homens e mulheres, escravos e livres. JEWETT ainda afirma que durante o período do César Augusto, o culto de Cabiro fora assimilado no culto cívico, e como resultado, foi transformado de movimento dos trabalhadores manuais, artesãos, e escravos e cooptado pela elite rica e politicamente poderosa. Jewett sugere que esta situação criou um vácuo entre as classes marginalizadas, que bem pode explicar tanto a pronta aceitação do evangelho de Paulo, quanto alguns excessos peculiares da igreja dos tessalonicenses.

A proposta de JEWETT, entretanto, é seriamente questionada por Helmut KOESTER (From Paul's Eschatology to the Apocalyptic Schemata of 2 Thessalonians. In *The Thessalonian Correspondence. Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium* 87, ed. Raymond F. COLLINS. Leuven: Leuven University, 1990. p. 441-458) e Holland HENDRIX (Archaeology and Eschatology at Thessalonica. In *The Future of early Christianity: Essays in Honor of Koester, Helmut*, ed. PEARSON, Birger A., Thomas KRAABEL, George W. E. NICKELSBURG, e Norman R. PETERSEN. Minneapolis: Fortress, 1991). Eles indicam que não há nenhuma evidência arqueológica para sustentar a descrição por Jewett do culto de Cabiro em Tessalônica e que as inferências de Jewett são baseadas em dados arqueológicos do século V antes de Cristo em Tebas. As referências de Firmico no século IV depois de Cristo ao culto em Tessalônica somente mencionam sacrifícios e algum tipo de comunhão com o sangue do animal. Com tão pouca evidência é impossível reconstruir com detalhes as religiões na cidade.

ἀσφάλεια) é uma alusão irônica à propaganda imperial romana que circulava em Tessalônica num período de intensa romanização da cidade. Portanto, como outros tratados apocalípticos da época e movimentos milenaristas desde então, o evangelho de Paulo confronta radicalmente a divinização das ideologias políticas.

Diante deste quadro religioso e político geral, havia um contexto específico que Paulo menciona em 1 Tessalonicenses 2.13-16 e que é atestado em Atos 17.1-9: judeus não-cristãos estavam perseguindo a igreja, uma situação que faz sentido dentro da oposição que a missão gentílica de Paulo recebia dos judeus não-cristãos semelhante à oposição que a igreja sofria na Judéia (2.14).<sup>11</sup> É importante notar que *oposição à missão gentílica não era nenhuma questão incidental*. Paulo entendia que tais pessoas estavam afrontando os próprios propósitos de Deus e em Romanos 1.18ss disse que aqueles que suprimem a verdade (o evangelho de salvação em 1.16) certamente sofrerão a ira de Deus (2.8-9)! Em 1 Tessalonicenses 2.16 o aviso é intensificado: “a ira de Deus sobreveio contra eles completamente” (“para sempre” em LXX Salmos 78.5; 102.9).

Com estas observações e a ajuda de Atos 17, o contexto religioso e social começa a emergir. Judeus não-crentes, que se contrapunham a alguns judeus e muitos gentios devotos a Jesus como o Messias, instigaram um tumulto público. Em consequência disto, alguns judeus e gentios não-crentes, apelando para a “paz e segurança” romanas, perseguiram a igreja tessalônica. É difícil elaborar mais sobre esta igreja sem considerar a situação que Paulo pode ter enfrentado.

### 1.5.2 A Situação na Igreja

A maioria dos crentes na igreja de Tessalônica era provavelmente de origem gentílica, com alguns poucos judeus. Atos 17 somente menciona os de origem judaica e gregos que já freqüentavam a sinagoga. Mas a referência em 1 Tessalonicenses 1.9 sugere um número grande de convertidos sem formação judaica. O nome de alguns membros da igreja também aponta para uma maioria gentílica: Aristarco (Colossenses 4.10-11; Filemon 24 e Atos 20.4), Jasom (Atos 17.5ss), e Secundo (Atos 20.4), respectivamente de origem judaica, helenística, e latina.

1 Tessalonicenses 2.9-12 e 2 Tessalonicenses 3.6-12 sugerem que estes crentes helenísticos eram grandemente da classe de trabalhadores. De qualquer maneira, 2 Coríntios 8.2-4 deixa mais claro ainda que eram principalmente pobres. Novamente, embora não indique necessariamente uma contradição, Lucas, em Atos 17.4 chama atenção para alguma riqueza na igreja, ao se referir a “algumas mulheres proeminentes.”

### 1.5.3 O Problema: “Aflição”

---

<sup>11</sup> Muitos estudiosos consideram 1 Tessalonicenses 2.13-16 uma interpolação sob a alegação de que, se a passagem fosse genuína, Paulo estaria se contradizendo, já que em Romanos 11.25-27 ele reconhece a salvação de judeus étnicos. Entretanto, a passagem claramente identifica judeus *não-crentes* (veja o contraste com “os crentes” [τοῖς πιστεύουσιν] em 2.13) como os opositores da missão gentílica. Paulo não está dizendo nada contra o judaísmo *em si*. Ele mesmo é judeu e conseqüentemente alegações contra Paulo de anti-semitismo simplesmente não têm base.

O caráter parenético da carta não significa que Paulo não enfrentava problemas na igreja. De acordo com JEWETT, a longa seção de *narratio* em 1 Tessalonicenses 1.6-3.13 (que fornece a base da gratidão pelo fundamento escatológico da igreja apesar de perseguição externa e confusões internas) tem um propósito claramente argumentativo dentro da retórica demonstrativa. Ele sustenta e esclarece o etos de que a igreja precisava para superar as suas dificuldades, e assim contém, de fato, o peso argumentativo principal da carta.<sup>12</sup>

Paulo mesmo se refere a uma situação perturbadora pelo uso do termo *θλίψει* (1.6; 3.3; cf. 2.14). A “aflição” estava intimamente ligada à conversão dos tessalonicenses (1 Tessalonicenses 1.6) o que leva alguns a contemplar, a despeito da referência clara em Atos 17 a uma perseguição externa, a possibilidade da existência de uma perturbação interna devida à perda de vínculos sociais.<sup>13</sup> A referência por Paulo à “grande oposição” (1 Tessalonicenses 2.2) que ele encontrou durante sua permanência na cidade parece confirmar este quadro (cf. Romanos 8.35-36).<sup>14</sup> Evidentemente esta perseguição levou ao martírio de alguns crentes, aumentando a perturbação<sup>15</sup>. Certamente a morte de alguns crentes levantou dúvidas entre os crentes, quer proveniente de perseguição, quer não (1 Tessalonicenses 4.13). Paulo escreveu, em parte, para esclarecer a questão que girou em torno de duas perguntas:<sup>16</sup>

- Qual é a condição daqueles que morreram e a vantagem ou desvantagem

---

<sup>12</sup> JEWETT, op. cit., 91.

<sup>13</sup> MALHERBE, op. cit., p. 46ss e 65, descarta a perseguição mencionada em Atos 17, porque:

- A perseguição ocorreu depois, portanto não pode ter sido a “aflição” ligada à recepção pelos tessalonicenses do evangelho.
- Porque a perseguição veio dos seus compatriotas que presumidamente não eram judeus, não pode ser identificada com os eventos de Atos 17.
- A expulsão de Paulo de Tessalônica “obviamente” ocorreu depois da conversão dos tessalonicenses e por isso nada contribui à nossa compreensão da “aflição.”

Entretanto, quanto à primeira observação, o relato em Atos 17 relaciona, de fato, a perseguição devida à sua conversão. E a segunda observação pressupõe uma população da cidade e da igreja muito homogênea. Finalmente, não há base em 1 Tessalonicenses para sugerir, contra Atos 17, que a expulsão de Paulo da cidade tenha ocorrido consideravelmente depois da conversão dos tessalonicenses.

DONFRIED, *The theology...*, também contempla uma perturbação interna relacionada ao antigo “desespero pagão diante da morte.” Isto é, Paulo teria pensado que a oposição e a pressão políticas pudessem abalar a fé destes recém-convertidos.

<sup>14</sup> Seja qual for a aflição sofrida, Paulo já ensinara antes que ela era de se esperar por causa da fé cristã (1 Tessalonicenses 3.2-4).

<sup>15</sup> Assim é possível contemplar algum tipo de aflição “interna” e ansiedade. MARXSEN acredita que aqueles que permaneceram vivos temiam não só o destino daqueles que havia morrido (não sabendo a respeito da ressurreição dos mortos), mas deles mesmos também. Se os seus colegas cristãos haviam morrido, eles também poderiam morrer e assim perder a *parousia*. A interpretação de MARXSEN pressupõe que Paulo não havia pregado antes sobre a ressurreição dos mortos e por isso os Tessalonicenses nada sabiam a seu respeito. Portanto, à fé deles faltava a esperança e por isso, aos olhos de Paulo, era semelhante à fé dos pagãos (*Auslegung von 1 Thess 4,13-18*. In *Zeitschrift für Theologie und Kirche* 66 [1969]. p. 22-37).

<sup>16</sup> Um outro motivo era defender a sua reputação questionada por causa da sua saída forçada e rápida da cidade, por causa da perseguição (1 Tessalonicenses 3.1ss; 2.1-12).

relativa daqueles que permanecem vivos?<sup>17</sup> e

- Quando ocorrerá o Dia do Senhor?

### 1.5.3.1 A Condição dos Cristãos Mortos

A discussão de Paulo era semelhante àquela de 4 Esdras 13.16-24 (tradução minha), acerca dos vivos e dos mortos. Veja os paralelos:

Saiba portanto que aqueles que ficaram são mais abençoados que aqueles que morreram (4 Esdras 13.24).

“Eu vou assemelhar o meu julgamento a um círculo; assim como para aqueles que são últimos não há lentidão, também para os primeiros não há pressa.” (4 Esdras 5.42)

“...toda criatura viverá duma só vez (*in unum*)...” (4 Esdras 5.45).

Ora, ainda vos declaramos..., nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. (1 Tessalonicenses 4.15)

depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados *juntamente* com eles, entre nuvens, ... (1 Tessalonicenses 4:17)

A primeira pergunta trata do estado dos cristãos mortos e a vantagem ou desvantagem daqueles que permaneceram vivos na parousia. Frequentemente pressupõe-se que a dúvida tenha surgido porque ou Paulo não havia ensinado nada sobre a ressurreição de cristãos mortos ou que seu ensino anterior tivesse sido inadequado e que, à luz da situação dos tessalonicenses, havia se desenvolvido.<sup>18</sup>

Se o ensino havia sido inadequado, qual havia sido? Uma sugestão é que anteriormente Paulo havia ensinado uma doutrina de assunção ou translação corporal para o paraíso na parousia do Senhor.<sup>19</sup> Esta doutrina de translação (e não transformação) somente funciona para as pessoas que ainda não morreram. E de modo inverso, aqueles que já morreram não poderão ser assumidos. Esta interpretação diz ainda, que depois da instrução a respeito da translação, os crentes tessalonicenses ficaram confusos quando

<sup>17</sup> Paulo não está discursando sobre a teodicéia em geral, mas somente sobre o destino e o estado de crentes mortos. Ver MEEKS, Wayne. op. cit., p. 693, e KLIJN, A. F. J. 1 Thessalonians 4:13-18 and Its Background in Apocalyptic Literature. In *Paul and Paulism. Essays in Honour of C. K. Barrett*, ed. M. D. HOOKER e S. G. WILSON, London: S. P. C. K., 1982. p. 67s.

<sup>18</sup> Estudiosos costumam enxergar ainda mais desenvolvimento teológico desde 1 Tessalonicenses até 1 Coríntios, e depois até 2 Coríntios e finalmente até Filipenses.

<sup>19</sup> PLEVNIK, Joseph. The Taking Up of the Faithful and the Resurrection of the Dead in 1 Thessalonians 4.13-18. *Catholic Biblical Quarterly*, v. 46, p. 274-283, 1984; Pauline Presuppositions. In: *The Thessalonian Correspondence. Bibliotheca Ephemeridum Theologiarum Lovaniensium* 87, (ed.) Raymond F. Collins. Leuven-Louvain: Leuven University, 1990. 50-61; e *Paul and the Parousia. An Exegetical and Theological Investigation*. Peabody: Hendrickson, 1997.



alguns entre eles morriam, já que pensavam que a parousia ia antecipar a morte de qualquer crente. Além disto, eles começaram a ter dúvidas sobre a possibilidade de mortes posteriores e a vantagem que isto representava para aqueles que permanecessem vivos.

Mas esta interpretação fracassa diante da observação que o tema da ressurreição em 1 Tessalonicenses 4, *de fato, pressupõe* a noção de transformação e que em nenhum lugar há evidência de que Paulo jamais tenha distinguido a ressurreição da transformação.<sup>20</sup> Ao contrário, dificilmente Paulo teria discordado do Antigo Testamento e da literatura judaica não-canônica, que sempre falam da ressurreição em termos de transformação.<sup>21</sup> Nem tampouco discordava da tradição de Jesus, que correlacionou as duas coisas na narrativa da ressurreição.<sup>22</sup> Também, o próprio encontro de Paulo com Jesus transformado certamente tinha sido determinante para a sua compreensão da ressurreição dos crentes mortos.<sup>23</sup> Finalmente, a linguagem de 1 Tessalonicenses 4.13-18 sugere a idéia de transformação — ser arrebatado da esfera terrestre, ser transportado para uma esfera supra-terrestre, e lá experimentar a união com o Senhor — todos sugerem uma forma apropriada de existência para este novo estado, i.e., um modo transformado de ser, consonância com participação na vida ressurreta de Cristo<sup>24</sup>

A melhor interpretação da fonte da confusão ou ignorância dos tessalonicenses sobre a ressurreição dos mortos, portanto, parece ser a falta de ensino anterior a respeito da ressurreição.<sup>25</sup> Esta interpretação combina tanto com o relato de Atos quanto com a carta em si, que fala da brevidade da estadia de Paulo e da sua partida prematura. Paulo simplesmente ainda não teria elaborado adequadamente este assunto, não porque não havia considerado ainda a possibilidade de mortes cristãs,<sup>26</sup> e não porque sua teologia não havia se “desenvolvido” suficiente para levar em conta a demora da parousia, mas

---

<sup>20</sup> MEYER, Ben F. Did Paul's View of the Resurrection of the Dead Undergo Development? In *Theological Studies*, v. 47, p. 363-387, 1986. p. 376.

<sup>21</sup> Daniel 2.2s; Isaías 26.19; 1QH 11.10-14; Salmos de Salomão 3.16; 2 Baruque 49-51; 61-63.

<sup>22</sup> Marcos 12.24 e paralelos; Mateus 22.29s; Lucas 20.34-36.

<sup>23</sup> CARRIKER, C. T. A hermenêutica escatológica de Paulo: 1 Coríntios 15.23-28. In *Fides Reformata*, v. 5, n. 1 (2000), p. 117-134.

<sup>24</sup> GILLMAN, John L. Signals of Transformation in 1 Thessalonians 4:13-18. In: *Catholic Biblical Quarterly*, v. 47, p. 263-281, 1985. p. 267.

<sup>25</sup> A clausula “não queremos que sejais ignorantes” (4.13) é usada freqüentemente por Paulo para introduzir um novo ensino. Compare Colossenses 2.1; 2 Coríntios 1.8; Romanos 1.13; 11.25; 1 Coríntios 10.1; 12.1 (LÜDEMANN, Gerd *Paul, Apostle to the Gentiles: Studies in Chronology*. Trad. de E. Stanley Jones. Filadélfia: Fortress, 1984. p. 212ss). Também, as lembranças repetidas sinalizadas por “sabeis...” (1.5; 2.1, 2, 9, 10, 11; 3.3b-4; 4.1, 2, 6, 10, 11; e 5.1) estão explicitamente faltando em 4.13-18 (DONFRIED, Karl P. The Cults of Thessalonica & the Thessalonian Correspondence. In: *New Testament Studies: An International Journal*, v. 31, p. 336-356, 1985. p. 351).

<sup>26</sup> Contra a idéia do desenvolvimento teológico, é difícil imaginar que durante os pelo menos quinze anos entre a sua conversão e a sua carreira literária, Paulo nunca tivesse encontrado mortes entre os crentes. Também, muitas das suas principais mudanças teológicas já deveriam ter ocorrido durante estes anos de reflexão e crescimento espiritual.

simplesmente porque ele não havia passado tempo suficiente<sup>27</sup> entre os crentes de Tessalônica e possivelmente porque ainda não era uma questão urgente naquela igreja.

A resposta de Paulo foi então, que a ressurreição dos (cristãos) mortos aconteceria antes da parousia e que aqueles que permanecessem vivos não teriam nenhuma vantagem em relação aos mortos.

### 1.5.3.2 A Data do Dia do Senhor

A segunda pergunta tratava da data da vinda de Cristo. Quando virá este dia?

Evidentemente o contexto religioso e político descrito acima havia criado uma expectativa escatológica tão grande que, típico dos numerosos movimentos milenaristas subsequentes, muitos achavam a vinda do Senhor iminente. Esta é a perspectiva de muitos estudiosos. Alguns estudiosos acham que o próprio Paulo pode ter ensinado que um retorno era iminente e que ele pessoalmente esperava participar dele. Estes intérpretes geralmente entendem a expressão, “nós (ἡμεῖς) os vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor,” (4.15) como uma referência à expectativa pessoal de Paulo mesmo de que ele ainda estaria vivo na vinda do Senhor. Mas isto não é tão claro e por isso a interpretação não é unânime.

É claro que Paulo havia ensinado aos tessalonicenses anteriormente sobre a esperada vinda de Cristo e a “ira vindoura” (1.10). Este último se referia ao julgamento final de Deus que finalizaria a era presente e do qual os cristãos seriam resgatados (5.9). Embora muito se fale sobre a “demora da parousia”<sup>28</sup> e a esperada “parousia iminente,” geralmente em relação a possíveis desenvolvimentos teológicos<sup>29</sup> na escatologia paulina, pouca atenção se dedica aqui ao tema da “ira” de Deus e da salvação certa dos cristãos, o que parece ser um enfoque principal especialmente da segunda perícopie, 1 Tessalonicenses 5.1-11.

## 2 EXEGESE

1 Tessalonicenses 4.13-18 e 5.1-11 são os últimos dois de três tópicos (*topoi*) na carta (o primeiro é 4.9-12) introduzidos por περί, e seguidos pelo genitivo. Todos os três dão instrução específica sobre um dado tópico e concluem com uma admoestação ao amor mútuo, à consolação, ao encorajamento, e à edificação. Já reparamos as semelhanças formais e lógicas entre 4.13-18 e 5.1-11. A estas, acrescentamos a

<sup>27</sup> Ver BRUCE, F. F. St. Paul in Macedonia. The Thessalonian Correspondence. In: *Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester*, v. 62, p. 328-345, 1980. p. 333s.

<sup>28</sup> Entretanto, outros comentaristas, acreditam, pelo contrário, que 1 Tessalonicenses 5.1-11 pouco ou nada tem a ver com tal “demora” ou *Parousieverzögerung*. Ver KOESTER, Helmut *History, Culture, and Religion of the Hellenistic Age: Introduction to the New Testament*. v. 1. Trad. de Helmut Koester. (Hermeneia. Foundations and Facets), Filadélfia: Fortress, 1982. p. 113; COLLINS, John J. *The Apocalyptic Imagination. An Introduction to the Jewish Matrix of Christianity*. New York: Crossroad, 1984. p. 58; e LONGENECKER, Richard N. The Nature of Paul's Early Eschatology. In: *New Testament Studies: An International Journal*, v. 31, p. 85-95, 1985. p. 95.

<sup>29</sup> Ver, por exemplo, MEARNs, Christopher. Early Eschatological Development in Paul: The Evidence of 1 and 2 Thessalonians. In: *New Testament Studies: An International Journal*, v. 27, 1981. p. 137-157.

semelhança do seu ponto principal: a comunhão futura com Cristo como sendo a salvação última de cristãos vivos e mortos.

## 2.1 PRIMEIRA PERÍCOPE: 1 TESSALONICENSES 4.13-18

Esta primeira perícopa se divide facilmente em quatro seções:

- uma afirmação do assunto a ser tratado e razão pela sua exposição (v. 13)
- o princípio empregado para a solução do problema (v. 14)
- uma explicação autoritária do princípio (vv. 15-17) e
- a conclusão incentivando-os à instrução e exortação mútua (v. 18)

### 2.1.1 Uma Afirmação e a Razão (v. 13)

Paulo especifica o problema: mortes entre os cristãos tessalonicenses. Sua razão de tratar esta questão é para que aqueles que permaneceram vivos não lamentassem excessivamente. Paulo apela para o seu próprio senso de testemunho cristão dentro da comunidade maior pela sua qualificação, “para não vos entristecerdes como *os demais, que não têm esperança.*”

### 2.1.2 O Princípio Empregado para a Solução (v. 14)

Ele imediatamente oferece um princípio autoritário, uma fórmula de credo<sup>30</sup> da igreja cristã primitiva, que serve tanto como solução do problema de morte entre os cristãos quanto fortalecimento do sistema de crença dos tessalonicenses através da ampliação do seu campo de relações sociais.<sup>31</sup>

A implicação do princípio baseado no credo, é que Deus, que ressuscitou Jesus da morte, certamente salvará aqueles que morreram “através de Jesus.” Na visão de Paulo, “o próprio Jesus é a base definitiva e intermediária do ato escatológico de Deus em favor dos mortos.”<sup>32</sup>

### 2.1.3 Uma Explicação do Princípio (vv. 15-17)

Paulo elabora mais ainda o princípio estabelecido no verso anterior através da palavra do Senhor. Ele assim faz empregando livremente temas tradicionais (vv. 16-17) como ele faz através destas duas períopes. Mas primeiro ele contribui a sua própria

---

<sup>30</sup> Indicado pela proposição introdutória, “pois, se cremos...,” pelo seu uso incomum de “Jesus” ao invés de “Cristo” como sujeito da afirmação, e pelo seu uso não característico de ἀνίστημι ao invés de ἐγείρω em referência à ressurreição de Jesus.

<sup>31</sup> A legitimidade de estruturas de plausibilidade (sistemas de crença) principalmente através do estabelecimento de novos e íntimos grupos (sociais) de referência é um princípio amplamente reconhecido por sociólogos do processo de conversão e apostasia (ver o meu: *Mecanismos sociais de desconversão*. In: *Simpósio*, v. 29, p. 71-84, 1985). Em 1 Tessalonicenses 4.14, Paulo já amplia aquele grupo de referência pelo uso da proposição introdutória na primeira pessoa plural.

<sup>32</sup> Tradução minha de COLLINS, Raymond, op. cit. p. 159.

interpretação da explicação (v. 15).

### 2.1.3.1 O Uso por Paulo de Material Tradicional

Em 1 Tessalonicenses 4.13-5.11 Paulo utiliza pelo menos três pedaços separados de tradição, cada um dentro duma perspectiva apocalíptica:<sup>33</sup>

- uma “palavra do Senhor” (4.15-17) que dá um quadro visual dos eventos finais;
- uma palavra acerca da chegada do dia do Senhor como “um ladrão na noite” (5.2); e
- uma exortação a vigilância dirigida aos “filhos da luz” (5.4-8).

Pelo seu uso deste material nas duas perícopes e em outras passagens ao longo de 1 e 2 Tessalonicenses, Paulo tanto heleniza a tradição dominical (cristã) quanto cristianiza a tradição judaica.<sup>34</sup> Em ambos os casos, a serem elaborados abaixo, Paulo é motivado a contextualizar o evangelho de forma que ele possa se aplicar ao mal-entendimento sobre a parousia e o destino dos mortos cristãos.

### 2.1.3.2 A “Palavra do Senhor” (4.15-17)

Há pouco consenso entre os estudiosos a respeito da origem, da extensão e da forma desta palavra. A origem precisa da palavra pouco importa para nosso estudo.<sup>35</sup> Só importam algumas observações sobre a extensão e a forma original da “palavra do Senhor.” Baseado nos métodos da crítica de forma e da história de tradições, e focalizando as tensões internas<sup>36</sup> e as estatísticas de ocorrência de palavras nos versos 15-

<sup>33</sup> COLLINS, Raymond, op. cit. p. 28ss. Nos versos em questão, numerosos temas apreciados como “apocalípticos” com vários graus de intensidade são amplamente discutidos pelos estudiosos (a parousia, a descida do céu com comando, a voz angelical, a trombeta, “primeiro” seguido de “então” como o próximo na ordem, “nuvens”, “encontro com o Senhor”). Ver a discussão no meu: *Paul's Apocalyptic Mission: An Integrative Missiological Hermeneutic*. Tese de Ph.D., Fuller Theological Seminary. School of World Mission, 1993.

<sup>34</sup> GUNDRY, Robert H. The Hellenization of Dominical Tradition and Christianization of Jewish Tradition in the Eschatology of 1-2 Thessalonians. In: *New Testament Studies: An International Journal*, v. 33, n. 2, p. 161-178, 1987.

<sup>35</sup> Não há dúvida que a palavra pertence a Jesus. Isto Paulo estabelece pelo uso de κυρίου. A questão é se a palavra se baseia na palavra do Jesus terrestre (i.e., um ágrafo) ou se baseia numa palavra do Senhor exaltado dadas ou através dum profeta ou através do próprio Paulo, ou através dum apocalipse.

<sup>36</sup> Resumidas a seguir:

- | verso 15:  | versos 16-17:  |
|--|--|
| 1. Escrito com estilo epistolário na primeira pessoa plural                            | 1. Dominados pela terceira pessoa, exceto na aplicação no verso 17 |
| 2. Afirmação de conforto dirigida a uma situação específica?                           | 2. Descrição geral de eventos do fim dos tempos                    |
| 3. Refere-se a um momento depois dos eventos no v. 16 e correspondendo à fase no v. 17 | 3. v. 17b paralelo aos eventos do v. 15                            |

17, Gerd LÜDEMANN conclui que a palavra em si está apenas nos versos 16-17, e que o verso 15 constitui a própria interpretação (anterior) de Paulo.<sup>37</sup> É notável, também, que LÜDEMANN classifica estes versículos como um apocalipse em miniatura em virtude dos seus temas e do seu caráter revelatório. Os temas incluem a idéia de descida no contexto de chegada escatológica, a lista de sinais, a chamada do arcanjo, o som da trombeta, a idéia de ressurreição e remanescência em conexão com os eventos finais e com a idéia de ser arrebatado, e o tema das nuvens. A característica revelatória da passagem é sugerido pelo desvendamento do mistério do fim do tempo em forma compacta, e pela conclusão com o encontro nos ares do Senhor com os seus. Paralelos na literatura apocalíptica que LÜDEMANN menciona, incluem: 4 Esdras 13; 7.32-22; Daniel 12:2; Apocalipse Siríaco de Baruque 29-30 e 49-50. Os acréscimos de Paulo<sup>38</sup> e as modificações da tradição<sup>39</sup> demonstram a sua preocupação com o problema de morte entre os cristãos na Tessalônica e sua preocupação de enfatizar a esperança na parousia e a necessidade de preparo para a mesma.

#### 2.1.4 Uma Exortação (v. 18)

Dada a explicação, Paulo volta ao seu propósito original de tratar a questão de lamento devido à morte de alguns cristãos. Eles deviam encorajar uns aos outros com o mesmo princípio e a mesma explicação que Paulo ofereceu.

## 2.2 SEGUNDA PERÍCOPE: 1 TESSALONICENSES 5.1-11

As divisões da segunda perícopa no discurso apocalíptico de Paulo não são tão óbvias quanto àquelas da primeira, embora pareçam seguir a mesma estrutura, mesmo com as suas negações:

- no primeiro versículo, há uma afirmação da questão que *não* será tratada e a razão pela sua *não*-exposição;
- no segundo versículo, aparece o princípio empregado para a *não*-solução do problema;
- nos versos 3-10, há explicações autoritárias do princípio; e
- no verso 11, a conclusão conseqüente da exortação mútua

#### 2.2.1 Uma Afirmação da Questão e a Razão da Sua Não-Solução (v. 1)

A aplicação relativa ao comportamento cristão na segunda metade desta passagem sugere novamente o horizonte duma escatologia super-realizada na qual a urgência duma vinda ainda futura não mais se presencia. Expositores da passagem freqüentemente

---

<sup>37</sup> Op.cit., p. 220-235.

<sup>38</sup> “(morto) em Cristo”, “primeiro/depois”, “nós os vivos”, “junto com eles”, e “assim, estaremos sempre com o Senhor”

<sup>39</sup> Da terceira pessoa do material judaico para a primeira pessoa, e da ordem tradicional “parousia - ressurreição” para “o início da parousia - ressurreição e finalização da parousia”.

relutam em reconhecer o tempo presente do verbo em 2 Tessalonicenses 2.2, “tenha chegado” (ἐνέστηκεν), que claramente se refere a uma ação já completada. Muitos dos tessalonicenses acreditavam que “o Dia do Senhor já havia chegado!” Contra a especulação deles de que o Dia do Senhor havia já chegado, Paulo então afirma que tal especulação acerca do tempo da vinda do Senhor não era nada apropriada.

### 2.2.2 O Princípio Empregado para a Não-Solução (v. 2)

O princípio para o qual Paulo apela para sua não-exposição de “tempos e épocas” (χρόνων καὶ τῶν καιρῶν) é ilustrado pela metáfora do ladrão da noite. Mais uma vez, ele escolhe uma expressão tradicional<sup>40</sup> que então ele adapta para tratar uma situação específica. A idéia central da metáfora em relação ao Dia do Senhor é a necessidade do preparo (ver Lucas 12.39). Aquele Dia virá para os que não estão esperando.<sup>41</sup> Portanto os cristãos não devem ser surpreendidos, mas devem estar, sempre alertas.

### 2.2.3 Explicações do Princípio (vv. 3-10)

Paulo diz àqueles que entendem que a vinda do Senhor será inesperada que se preparem porque:

- agora não é a hora de segurança tranqüila facilitada por uma escatologia super-realizada, mas é a hora da ira iminente de Deus que virá tão segura e dolorosamente como as dores de parto para uma mulher grávida (v. 14);
- os “filhos da luz” não pertencem às “trevas,” (vv. 4-5);
- as atividades cristãs do dia exigem comportamento circunspeto (vv. 6-8) e
- os cristãos, mortos ou vivos, não são destinados à ira (escatológica), mas à salvação (escatológica) (vv. 9-10).

Para estas explicações, como na primeira perícopes, Paulo aproveita fortemente de temas<sup>42</sup> tradicionais e especificamente apocalípticos, e os modifica<sup>43</sup> para ressaltar seus

<sup>40</sup> A metáfora completa do “ladrão da noite” ocorre nos escritos de Paulo apenas aqui. A sua ligação à idéia do Dia do Senhor não tem paralelo no Antigo Testamento e nem na literatura judaica da época. No Novo Testamento a metáfora não tem a qualificação que Paulo lhe dá, “da noite” (Lucas 12.39-40, par. Mateus 24.43-44; 2 Pedro 3.10; Apocalipse 3.3; 16.15). Ver, também, o Evangelho de Tomás 21b.

<sup>41</sup> Alguns estudiosos entendem a metáfora como uma contradição da perícopes anterior. Contra a ordem dos eventos em 1 Tessalonicenses, eles afirmam que no Novo Testamento a metáfora é usada “sempre no sentido anti-apocalíptico de rejeitar toda previsibilidade da parousia” (SAND, Alexander. *A Questão do ‘Lugar Vivencial’ dos Textos Apocalípticos do Novo Testamento*. In: *Apocalipsismo, Coletânea de Estudos*, São Leopoldo: Sinodal, 1983. p. 224). Tal contradição parece estar mais na cabeça destes estudiosos contemporâneos que na da comunidade cristã primitiva, como BRUCE observou indiretamente: “Se pensa que a idéia de certos eventos bem-definidos precedendo o Dia do Senhor não é compatível com a idéia da sua chegada como ladrão da noite, considere-se, primeiro, que a mesma ambivalência se encontra também na tradição sinótica do ensino escatológico de Jesus.” (tradução minha, op. cit., p. xlii).

<sup>42</sup> Ver o seguinte pano do fundo para este *topoi*:

- “Dia do Senhor” = Amós 5.18; Joel 2.31; Malaquias 4.5
- “dores de parto” = Isaías 13.8; 21.3; Jeremias 6.24; 15.9; 17.11; 22.23, 23, 26; 30.6; 50.43;

próprios objetivos. No início destes versículos, Paulo adaptou e estruturou alguns temas não-paulinos a fim de criar um cenário apocalíptico que atribui uma sensação de urgência à parênese que se segue.

#### 2.2.4 A Exortação (v. 11)

O apóstolo conclui com um apelo para o encorajamento e a edificação mútuos. Como na perícope anterior, ele estimula os cristãos a confortarem-se uns aos outros com este ensino e viverem num estado de preparação como parte da sua vivência cristã e da sua orientação esperançosa para o futuro.

### 3 SÍNTESE

Em 1 Tessalonicenses 4.13-5.11, Paulo se opõe diretamente às expectativas radicalizadas dum ambiente do tipo milenarista. A morte de alguns cristãos, provavelmente resultado de perseguição local e algumas notícias de que o Dia do Senhor já havia chegado, havia causado uma confusão que poderia intensificar a lamentação e pouca preocupação pelos padrões morais. Qual era a condição dos cristãos que haviam morrido? Aqueles que haviam permanecido vivos lamentavam que os seus amigos e familiares não veriam o Dia do Senhor e, então, dele não participariam. De fato, alguns questionavam o seu próprio destino também. A tudo isto, Paulo respondeu: aqueles que estarão vivos na vinda do Senhor não terão vantagem sobre aqueles que tiveram morrido. Na vinda do Senhor, primeiro ressuscitarão os mortos. Depois, junto com aqueles que permanecerem vivos, ambos serão arrebatados para se encontrarem com o Senhor e estarem com ele para sempre. Que palavras confortantes!

Mas ninguém sabe a hora que isto acontecerá, e ninguém vai saber até que aconteça. Aquele Dia certamente ainda não chegou, pois ao invés da tranqüilidade e da segurança, a vinda do Senhor seguirá o tumulto e a destruição repentinos e inesperados. Portanto, cabe ao tempo presente a vigilância sóbria, não a licenciosidade distraída. A esperança do cristão se fundamenta em Deus e a salvação escatológica significará participação com Cristo através da sua morte e da sua ressurreição.

Em tudo isso, vemos uma preocupação profundamente pastoral de Paulo diante

Oséias 13.13; Enoque 42.4; 4 Esdras 4.40, 42; 1QH 3.7-10; 5.30-31; Mateus 24.8; Marcos 13.8; Atos 2.24

- o contraste entre “luz” e “escuridão” = Jó 22.9-11; 29.3; Salmo 74.20; 82.5; Isaías 2.5; 30.26; 60.19-20; Miquéias 7.8; 1QS 3.13-4.26 e frequentemente em 1QM; Testamento de Naftali 2.7-10; Testamento de Benjamin 5.3; todo a a literatura joanina; Marcos 13.24; 1 Pedro 2.9 e nos escritos do Paulo.
- simbologia militar em 5.8 = Isaías 59.17; Sabedoria 5.17-20; Str-B III 618
- “ira” em 5:9 Isaías 2.10-22; 66.5, 15-18; Sofonias 14.5

<sup>43</sup> Por exemplo, em referência ao uso por Paulo no verso 8 de Isaías 59.17 repare as mudanças de:

- armadura de Deus para os fiéis
- couraça de justiça para couraça da fé e do amor
- capacete da salvação para couraça da esperança da salvação, e o acréscimo da tríade fé, esperança, e amor.

duma situação específica (contingente). Nisto nasce a sua teologia e não vice versa. Paulo possuía uma facilidade de reformular a tradição cristã de tal modo que se aplicasse acertadamente ao dilema atual. Mas esta sua contingência não era arbitrária. Tinha também um norte coerente elaborado dentro da simbologia e cosmovisão apocalípticas. Assim, notamos a importância da escatologia no pensamento paulino como uma ferramenta chave na contextualização da sua teologia, isto é, na aplicação e até reformulação de idéias teológicas dentro dada situação específica. Isto era possível porque, para Paulo, o rompimento da história realizada pela vinda apocalíptica de Jesus relativizava toda autoridade humana, inclusive e especialmente autoridades políticas e também religiosas que diziam “paz e segurança.”



## REFERÊNCIAS CITADAS

- BEKER, J. Christiaan. Recasting Pauline Theology: The Coherence-Contingency Scheme as Interpretive Model. In: *Pauline Theology, Volume 1: Thessalonians, Philippians, Galatians, Philemon*, (ed.) Jouette M. Bassler. Minneapolis: Fortress, 1991. 15-24.
- BRUCE, F. F. *1 and 2 Thessalonians*. Waco: Word, 1982.
- \_\_\_\_\_. “St. Paul in Macedonia. The Thessalonian Correspondence.” In: *Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester*, v. 62, (1980).
- CARRIKER, C. T. “Aquele que o detêm: Uma interpretação de 2 Tessalonicenses 2.6-7.” In *Fides Reformata* 6, no. 1 (2001).
- \_\_\_\_\_. “A hermenêutica escatológica de Paulo: 1 Coríntios 15.23-28.” In *Fides Reformata*, v. 5, n. 1 (2000).
- \_\_\_\_\_. “A apocalíptica judaica e o evangelho de Paulo,” em *Vox Scripturae. Revista Teológica Brasileira* 6, no. 2 (1996) 175-204.
- \_\_\_\_\_. *Paul's Apocalyptic Mission: An Integrative Missiological Hermeneutic*. Ph.D., Fuller Theological Seminary. School of World Mission, 1993.
- \_\_\_\_\_. “Mecanismos sociais de desconversão.” In: *Simpósio*, v. 29 (1985).
- COLLINS, Raymond F. ed. *Studies on the First Letter to the Thessalonians*. Leuven-Louvain: Leuven University, 1984.
- COLLINS, John J. *The Apocalyptic Imagination. An Introduction to the Jewish Matrix of Christianity*. New York: Crossroad, 1984.
- DONFRIED, Karl P. “The Cults of Thessalonica & the Thessalonian Correspondence.” In: *New Testament Studies: An International Journal*, v. 31 (1985).
- \_\_\_\_\_. “The Theology of 1 Thessalonians as a Reflection of Its Purpose.” In *To Touch the Text. Biblical and Related Studies in Honor of Joseph A. Fitzmyer, S.J.*. Ed. Maurya P. HORGAN e Paul J. KOBELSKI. New York: Crossroad, 1989.
- GILLMAN, John L. “Signals of Transformation in 1 Thessalonians 4:13-18.” In: *Catholic Biblical Quarterly*, v. 47 (1985).
- HENDRIX, Holland Lee. “Archaeology and Eschatology at Thessalonica.” In *The Future of early Christianity: Essays in Honor of Koester, Helmut*, ed. PEARSON, Birger A., Thomas KRAABEL, George W. E. NICKELSBURG, e Norman R. PETERSEN. Minneapolis: Fortress, 1991.
- JEWETT, Robert. *The Thessalonian Correspondence. Pauline Rhetoric and Millenarian Piety* Foundations and Facets, ed. Robert W. FUNK. Filadélfia: Fortress, 1986.
- KLIJN, A. F. J. “1 Thessalonians 4:13-18 and Its Background in Apocalyptic Literature.” In *Paul and Paulism. Essays in Honour of C. K. Barrett*, ed. M. D. HOOKER e S. G. WILSON, London: S. P. C. K., 1982.
- KOESTER, Helmut. “1 Thessalonians--Experiment in Christian Writing.” In *Continuity and Discontinuity: Essays Presented to George H. Williams*, ed. F. Forrester CHURCH e Timothy GEORGE. Leiden: Brill, 1979.
- \_\_\_\_\_. *History, Culture, and Religion of the Hellenistic Age: Introduction to the New Testament*. v. 1. Trad. de Helmut Koester. (Hermeneia. Foundations and Facets), Filadelfia: Fortress, 1982.
- \_\_\_\_\_. “From Paul's Eschatology to the Apocalyptic Schemata of 2 Thessalonians.” In

- The Thessalonian Correspondence. Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium* 87, ed. Raymond F. COLLINS. Leuven: Leuven University, 1990.
- LONGENECKER, Richard N. "The Nature of Paul's Early Eschatology." In: *New Testament Studies: An International Journal*, v. 31 (1985).
- LÜDEMANN, Gerd Paul, *Apostle to the Gentiles: Studies in Chronology*. Trad. de E. Stanley Jones. Filadelfia: Fortress, 1984.
- MALHERBE, Abraham. *Paul and the Thessalonians*. Filadélfia: Fortress, 1987.
- MANSON, T. W. "St. Paul in Greece: The Letters to the Thessalonians." In *Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester* 35 (1952-53).
- MARXSEN, Willi. "Auslegung von 1 Thess 4,13-18." In *Zeitschrift für Theologie und Kirche* 66 (1969).
- MEARNS, Christopher. Early Eschatological Development in Paul: The Evidence of 1 and 2 Thessalonians. In: *New Testament Studies: An International Journal*, v. 27, 1981.
- MEEKS, Wayne. "Social Functions of Apocalyptic Language in Pauline Christianity." In *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East: Proceedings of the International Colloquium on Apocalypticism, Upsala, 1979*. Tübingen: Mohr (Siebeck), 1982.
- MEYER, Ben F. "Did Paul's View of the Resurrection of the Dead Undergo Development?" In *Theological Studies*, v. 47 (1986).
- PLEVNIK, Joseph. "The Taking Up of the Faithful and the Resurrection of the Dead in 1 Thessalonians 4:13-18." *Catholic Biblical Quarterly*, v. 46 (1984).
- \_\_\_\_\_. "Pauline Presuppositions." In: *The Thessalonian Correspondence. Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium* 87, (ed.) Raymond F. Collins. Leuven-Louvain: Leuven University, 1990.
- SAND, Alexander. "A Questão do 'Lugar Vivencial' dos Textos Apocalípticos do Novo Testamento." In: *Apocalipsismo, Coletânea de Estudos*, São Leopoldo: Sinodal, 1983.